Série

Artigos

Jeferson "Garrafa" Brasil

INSTITUTO DURANGO DUARTE

APRESENTAÇÃO

O site do Instituto Durango Duarte foi totalmente reformulado e, por isso, todos os textos já publicados por **Jeferson “Garrafa” Brasil** em nossa plataforma foram reunidos numa coletânea, em formato de e-book, para que você possa acessar e ler os artigos em um único lugar, além de poder fazer o download gratuito do material.

Na “Série Artigos”, você também poderá encontrar as compilações de outros articulistas, tais como Gilson Gil, Lúcio Menezes, José Carlos Sardinha, Cláudio Barboza, Oto ni Mesquita, Hélio Dantas, Amaury Veiga, Roberto Caminha Filho, Henrique Pecinatto, Jorge Alvaro, Júlio Silva e Kátia Couto.

Essas coletâneas serão atualizadas semestralmente com os novos artigos que forem produzidos.

Série Artigos

Jeferson "Garrafa" Brasil

Foi baterista, segundo ele, do sofrível conjunto musical "Os Paqueras". Jogou basquete, futebol e tênis de quadra. Admite, orgulhosamente, que seus dois irmãos jogavam muito mais. Sua vingança é hoje ser corredor de rua, com sonho de virar maratonista. É cronista bissexto.

CAPÍTULO I

NÃO SABEMOS DAS HISTÓRIAS

Publicado em 12 de abril de 2016.

Pelo menos quatro vezes por semana, vou cedinho a Vila Olímpica de Manaus. Ainda é escuro, pois os treinos começam por volta de 5 horas. Acho muito bacana essa relação que há entre os corredores amadores de modo geral. Há sempre alguém com uma palavra de apoio e incentivo, naqueles momentos mais duros do treino, quando eu me faço perguntas do tipo “o que estou fazendo aqui? ”, ou, ainda, “não acredito que acordei às 4 da manhã pra isso”. Em contrapartida, a satisfação de concluir o treino, a alegria de ver o dia clareando e a satisfação do papo de depois com a turma, não tem preço.

Quase sempre me indago qual dificuldade cada um enfrenta e a motivação que tem para estar ali e enfrentar toda aquela rotina de treino, suor e, algumas vezes, lesões e dor. Sempre persistindo, nunca desistindo. É como uma parábola da vida, nas situações em que se é obrigado a seguir em frente, até por falta de outra opção. Conclusão a que chego: nunca sabemos, verdadeiramente, que histórias de vida cada um carrega dentro de si.

Num sábado, logo após o treino, fomos tomar café numa padaria. Sentou-se à minha frente o Paulinho. Pequeno, sorriso simpático, olhos vivos e traços característicos do típico garoto da Amazônia. Contou-me que é do interior do Pará, e, desde cedo, sempre quis conhecer Manaus. Juntou 70 reais com bis-

cates e fugiu no primeiro barco que parou na sua vila. A referência dele era a avó, moradora de Manaus, e dela tinha somente o número do telefone. Chegou, ligou várias vezes, mas nunca o bendito telefone foi atendido. Desistiu e ficou perambulando pelas ruas, vivendo de pequenos bicos e dormindo sob pontes. Aprendeu a vida da forma mais direta possível. Depois de pouco mais de um ano desse aprendizado, foi convidado por um amigo pra “ir reparar carro” no bairro da Alvorada, pois “dava dinheiro”. E lá se foi o bravo Paulinho pra mais uma “etapa escolar”. Por um desses acasos da vida, certo dia uma senhora ia passando e deteve os olhos nele. Aproximou-se, e, com espanto, quase que proclamou: “Paulinho!?”. Pois era a dita avó, que morava exatamente no Alvorada. A partir daí a vida de Paulinho recebeu um upgrade, claro. Hoje é garçom, tem 22 anos e um filho de 3 aninhos. Cultiva sonhos. Quer concluir o segundo grau, ir pra faculdade e ser um corredor de ponta. Eu não tenho dúvidas de que o bravo Paulinho irá conseguir.

Sabem quantos anos Paulinho tinha quando decidiu fugir de barco pra Manaus? 10 anos! É, a gente nunca sabe, verdadeiramente, as histórias que o outro carrega dentro de si. Bravo, Paulinho.

Jeferson “Garrafa” Brasil

PARCAS IMPRESSÕES DE VIAGEM

Publicado em 18 de maio de 2016.

Foram 23 dias de viagem, justa e merecida, pelas bandas de Portugal, Itália e França. Nestes dois últimos, a bronca alta é com a questão de uma imigração com cara de invasão e jeitão de fatura histórica. Os homens estão com um bando de terroristas na sala e uma multidão de imigrantes batendo na porta. Entre pouca solidariedade, grande indiferença, crescente e forte xenofobia, essa massa de infelizes. Isso, nos dois lados do Mediterrâneo. Não sei bem o porquê, lembrei dos haitianos no Brasil...

Na hora que os porras loucas do terror quiserem, eles se explodem em qualquer estação de metrô de Paris. Não vi uma fiscalização sequer em nenhuma das que utilizei. Não senti medo, mas não deixava de pensar que o monsieur do lado poderia ir pelos ares e me levar junto. No entanto, pelos boulevards e cafés, a turma botando para quebrar. Lugares sempre com muita gente. Numa manhã, estava de bobeira num daqueles cafés, quando, do nada, rabisquei no guardanapo: “Liberté, Egalité, Impichité”. Como acho que a boiada é a mesma, e tenho uns amigos que podem se chatear comigo, arremessei o tal guardanapo na lixeira.

Em Milão, uma rinite aguda me pegou de jeito e o jeito (desculpem o repeteco) foi ficar no tour cama de hotel – ristorante – remédio. Mesmo assim, deu para assistir uma original leitura jazzística de canções italianas. No palco, o cantor Fábio Concato, tendo a acompanhá-lo nessa aventura musical os excelen-

tes Fabrizio Bosso (trumpete) e Julián Mazzarielo (piano). Quase 2 horas de um show irrepreensível. Garanto a você, no entanto, que o nosso Teixeira de Manaus e seu sax, não fariam feio no meio daquela turma. Se você sorriu, deve ser por nunca ter ouvido o grande Teixeira mandando ver um jazz. Vai por mim, pois eu já tive esse prazer. Um pré-show do John Pizzarelli, no Tropical hotel Manaus.

Naviglio Grande (Milão) e Canal Saint Martin (Paris) a rigor, são braços de rio dentro dessas cidades, com lojas e restaurantes nas margens. Lugares super agradáveis. Por que em Manaus não temos algo parecido? Por que aqui aterram e sufocam nossas águas? Com a palavra nossos bem falantes dirigentes e governantes.

Ah, a Terrinha! Na Terrinha a gente tem aquela sensação gostosa de “estou em casa”. Tanto pelo idioma como pela simpatia dos patrícios. Falar de vinho e comida é lugar comum. Passo.

Lá, a cobertura na TV da situação política do Brasil existe. Inclusive com analistas abordando, com certa estupefação, o que acontece por aqui. Talvez nem devessem ter toda essa estupefação, pois, como somos parecidos. Algumas broncas de lá: 273 nomeações sem concurso... obras demoradas e caras... gente graúda investigada... ex-primeiro-ministro é também ex-preso... branqueamento de capitais... Bem familiar, não?

A população de Portugal não está se renovando a taxas desejáveis. Estão a discutir medidas para resolver o problema e, por vezes, as discussões ficam

bastante acaloradas. A cereja do bolo: um nobre deputado patrício propôs que “a masturbação seja criminalizada”. Ele não deu detalhes de questões operacionais ligadas a flagrante, recolhimento de provas, depoimentos, testemunhas, reconstituição etc.

Deve achar que, se “pré-projetos” de gajos e raparigas não escoarem pelos ralos portugueses e se perderem no Tejo, a questão será mitigada. Trouxe o jornal comigo.

Jeferson “Garrafa” Brasil

O HAITI, O PICOLÉ DA MASSA E OS 7 A 1

Publicado em 10 de junho de 2016.

Quando passar por você um desses haitianos oferecendo “picolié da masha, um rialll”, seja generoso, e, até mesmo, compre um. Pode ser a oportunidade única de estar frente a frente com um legítimo descendente de um bravo guerreiro, que lutou pela independência do Haiti lá pelos idos do Séc. XVIII. Não precisa se curvar, mas com um pouco de sorte, aquele negro de jeito submisso e olhar acuado, pode ter uma fração de DNA de algum rei ou divindade da mãe África. E, suprema ventura, pertencer a linhagem do próprio Toussant L’Overture, o negro que conduziu seu povo naquela sangrenta luta por liberdade. Nessa altura do campeonato você já percebeu que, ao contrário dos negros daqui que receberam risonhamente suas cartas de alforria, os de lá conquistaram sua liberdade na raça e na marra. Teve preço? Sim, e foi muito alto. Altíssimo, diria. Mas isso é história pra outra hora ou pra outra cerveja.

Só pra ilustrar, o Haiti foi a primeira nação independente da América Latina, e a única no mundo que obteve sua independência a partir de uma rebelião de escravos. Se não estou enganado, foi também a primeira e única nação negra fora do continente africano. Anyway, como diria meu brother Simão Pessoa, “te mete”.

Há algum tempo, li verdadeiras aberrações contra a presença dos refugiados haitianos pelas ruas de Manaus. No mínimo, falta de solidariedade. Como os deuses do Olimpo parecem estar meio descuidados na proteção aos templos

da Grécia – a coisa por lá anda pretíssima – gostaria muito de ver a reação de algumas figuras carimbadas – daqui e alhures – se no lugar dos pobres negros haitianos aportassem por aqui os Papadopoulos e Yanopoulos da vida. E olha que tem muito haitiano com chique sobrenome francês.

Meu espaço para o texto acabou, e eu queria mesmo era falar dos 7 a 1. Não o da Alemanha, aquele estupro moral, coletivo e imprescritível, infelizmente não previsto no nosso ordenamento jurídico. Mas, sim, falar dos 7 a 1 dos Canarinhos (tenho saudades desse termo) em cima da aflita seleção haitiana. Se duvidar – e eu duvido – o Haiti não é páreo nem pro máster do Geraldo Bocão, Genivaldo, Paulo Onça; o juvenil do São Cristovão ou, quiçá, o dente de leite do Corinthians. Não tem vodu que salve aquelas almas penadas tentando entender o que estavam fazendo ali, entre as quatro linhas. E ouvir Galvão Bueno e Cia falando em triangulação, infiltração, marcação na saída de bola, pressão etc. É demais para o meu coração. Não dá! Confesso que, num dado momento, achei que ele fosse ter um orgasmo durante a transmissão. Mudei de canal, e fui assistir os debates da comissão do Impeach. Bem mais divertido.

MAMÃE ENTRE AS ESTRELAS

Publicado em 21 de junho de 2016.

Meu saudoso pai simplificava e a chamava de Alban; os inúmeros agregados, de tia Albanita ou, simplesmente, tia; já os muitos netos, preferiam a carinhosa vó Banita.

Hoje, 21 de junho 2016, minha inesquecível mãe faria 86 anos. Estudou até o ginasial e tinha especial talento e criatividade para tarefas manuais. Seus temperos, bolos e doces teimam em nosso imaginário gustativo até hoje. Muitos eventos e bailes foram frequentados pelas roupas que saíram de sua velha Singer, anos mais tarde trocada por uma moderna Elgin.

Porém, o que mais atraía em mamãe, era sua capacidade inesgotável de interação através da palavra falada. A palavra dita, proferida. Bastava o(a) incauto(a) se aproximar dela num raio de 100 metros, que haveria um assunto qualquer pra iniciar a conversa. Os filhos todos, sem uma reles exceção, herdaram dela, mais do que a característica, o gosto pelo falar. Prosear, enfim.

É verdade que já contei antes a historinha a seguir, mas ela ilustra, à perfeição, essa marca especial e única de mamãe: falar e, sejamos justos, conversar e fazer amigos. Muitos. Por onde ela passasse, deixaria sempre um novo “velho amigo de infância”. Ou nova “velha amiga”.

Jeferson “Garrafa” Brasil

Dona Albanita era especialista na arte de alongar uma história, esticar um assunto. Da receita do bolo mais antigo, ao modelo do vestido mais atual, ia com a naturalidade e afeição do mestre que domina os dois ofícios. E como.

Mas, voltando ao mote principal, ainda morava com meus pais, e, certa vez, num domingo qualquer, me ajeitei no sofá pra assistir futebol pela TV. Já estava ela no portão de casa despedindo-se de uma visita. Como de hábito, só ela falava, gesticulando, e emendando fácil, fácil um assunto no outro. Pois no intervalo do jogo, a tal despedida persistia! De gozação levei-lhe um copo com água, e ela – olhar espantado e surpreso: “pra mim, meu filho!?” Por Deus! Depois de 45 minutos falando sem parar, no mínimo, precisava de água! Esta é apenas a ponta do iceberg das muitas e deliciosas histórias de minha mãe.

Mas o verdadeiro, mágico e inesquecível ofício de dona Albanita foi ser mãe. Devotada, presente, generosa e que nos cercou com muito amor. E olha que foram 7 filhos! Papai e mamãe realmente não brincaram em serviço. Hoje, e por todo o sempre, ela dançará “cheek to cheek among the star” com o cap. Jeferson.

CAPÍTULO II

A TRILOGIA DOS DÓLARES, A QUEDA DA BASTILHA E A APOLLO 11

Publicado em 12 de julho de 2016.

Não sei quanto a você. Quanto a mim, quando penso em datas marcantes no mês de julho, de cara, me vêm à mente três eventos: a independência americana, dia 4; dia 14, a Queda da Bastilha e, para fechar, a Apollo 11 levar o Homem para primeira pisada na lua. Essa, dia 20. Nasci em julho, mas, por pura modéstia, não vou colocar meu aniversário nesse distinto rol.

Foquemos nossa luneta em outra direção: há exatos 50 anos, num outro julho, mas de 1966, era finalizado o terceiro filme da famosa “Trilogia dos Dólares”, o antológico “Três Homens Em Conflito” ou, como prefiro chamar, “O Bom, O Mal e O Feio”. No elenco, Clint Eastwood era obviamente “O Bom”, e, tudo a ver, Lee Van Cleef interpretou “O Mal”. Já o papel de “O Feio” foi parar no colo do semieterno Eli Wallach – viveu até os 98 anos...

O italiano Sérgio Leone, pai desse tal de western spaguetti, dirigiu essa trilogia, iniciada com o filme “Por Um Punhado De Dólares (1964)” e, no ano seguinte, sequenciada com o lançamento de “Por Uns Dólares A Mais”. Nos três filmes, o onipresente Eastwood com seu Colt45 (acho) cuspindo bala para todo lado.

Jeferson “Garrafa” Brasil

Tem mais: sabe aquele famoso assovio com cheiro de pólvora e gosto de faroeste? Está na excepcional trilha sonora do filme de 1966, que, juntamente com as trilhas dos outros dois filmes, tem o DNA do também italiano, o genial Ennio Morricone. Se lhe interessa saber, ele e Leone foram amigos de infância pelas ruelas e piazze de Roma.

Quem ainda não assistiu, deveria assistir. E os três filmes da “Trilogia” pois valem cada minuto.

Dos cinco (Eastwood, Van Cleef, Wallach, Leone e Morricone) apenas o primeiro e o último ainda estão por aqui. E, o que é melhor, produzindo coisa de qualidade. Eastwood e Morricone, beirando os 90, são prova viva de que talento não tem idade.

Jeferson “Garrafa” Brasil

DUAS VAIAS, UMA VARA E O BURKINI

Publicado em 17 de agosto de 2016.

O saltador francês, Renaud Lavillenie, comparou as vaias recebidas na final do salto com vara na Olimpíada do Rio, às vaias nazistas endereçadas ao negro Jesse Owens nos Jogos Olímpicos de 1936, em Berlim. Puro despropósito, total falta de noção e mágoa de perdedor. A vaia de 1936 procurava, entre outras coisas, reforçar o devaneio onírico de Hitler da tal superioridade ariana. Foi um urro que saiu do estádio Olímpico de Berlim com decibéis de xenofobia, agressividade e racismo. O mundo não ouviu, e o resultado todos nós sabemos qual foi.

Mas nossa vaia, não – reconheço uma pitada passional aqui. Ela nada teve disso. Pode, no máximo, ser enquadrada como nada educada, pouco olímpica e com o “singelo e puro” objetivo de sacanear o francês, recordista mundial (6,16m) e, até então, também olímpico com um salto de 5,97. Pergunto: ao seu sorriso de deboche quando saltou 5,98m e viu nosso saltador pedir para subir a altura do sarrafo para 6,03m, posso chamar de arrogância? Ou devo? Arrogância típica de quem se acha superior, e que não lhe permitiu aceitar que um moleque brasileiro de 22 anos pulou mais do que ele. Uma coisa não justifica a outra, mas... As lágrimas da arrogância, seja qual for seu matiz, sempre serão patéticas.

Além do recorde olímpico, Thiago Braz é um dos nove saltadores do mundo que quebraram a “barreira do som” dos 6 metros no salto com vara. Sobe nesse pódio junto com, entre outros, o próprio Renaud Lavellenie (reconheçamos, o homem é saltador top) e o lendário russo Sergei Bubka. Parabéns, Thiago. Ouro super merecido. Bon voyage, monsieur.

E o que o burkini tem a ver com tudo isso? A rigor, nada. É que tem um monte de cidades francesas proibindo que as mulçumanas usem o tal burkini em suas praias. Alegam questão de segurança e outros etc. mais. “Cá prá nós”: além de achar que elas têm o sagrado direito de usar os tais burkinis, minha curiosidade masculina se sente cretinamente instigada a imaginar o que aquele monte de pano esconde. Como não tenho os conhecimentos antropológicos e culturais necessários para me aprofundar no tema, deixo uma reflexão mais superficial: se os homens hoje proíbem o uso de determinada roupa, amanhã vão me obrigar a ligar para um 0800 desses e perguntar, como diz o famoso samba de Noel Rosa, com que roupa eu vou?

Jeferson "Garrafa" Brasil

QUANDO ÍNDIGO É MAIS QUE UMA COR

Publicado em 29 de setembro de 2016.

Gosto de ouvir rádio enquanto dirijo. Mas, dia desses, meio de saco cheio do noticiário político com suas amplas conexões e profundas interações com o código penal, peguei aleatoriamente um CD (sim, ainda estou no tempo do CD) para ir ouvindo enquanto dirigia. O CD, mais uma das obras primas do grande Duke Ellington, era o Índigos, relançado em 1986 pela Columbia. A fonte primária foi o LP de mesmo nome, gravado pela mesma Colúmbia em 1957, e lançado no ano seguinte.

No CD relançado, foi retirada a canção "The Sky Fell Down" e foram incluídas" Night and Day" – o sopro de Paul Gonsalves mandando ver no sax tenor – e "All The Thing´s You Are". Esta, com o próprio Duke Ellington solando ao piano. Não me perguntem os critérios para essa mexida no repertório, pois não os conheço. Na verdade, esse "change" não nos tira o prazer de ouvi-lo. E apreciá-lo. Como estamos em tempos de eleição, se eu fosse votar numa canção do CD, teclava SIM com convicção para minha leitura preferida de "Autumn Leaves/ Feuilles Mortes". Não sei se esse é o melhor trabalho, mas é o um dos meus preferidos dele – o grande Duke Ellington.

"Todos os músicos deveriam um dia se reunir e agradecer de joelhos a Duke". Sabem quem falou isso? O talentoso, criativo e muito marrento Miles Davis que, diga-se, não era de encher a bola de ninguém. Ellington começou a estudar piano ainda na infância, e, é dessa época, que devido suas boas manei-

ras, recebeu o apelido de Duke. Sua primeira banda foi formada em 1917, quando ele tinha 18 anos, e seus primeiros arranjos foram feitos após sua mudança pra Nova York, onde montou a "The Washingtonians". Viajou mundo afora tocando jazz, mas sua década de ouro foi a de 1940. Por pura coincidência, foi nesse período que ele contratou o talentosíssimo Billy Strayhorn que, inclusive, é o autor do tema da orquestra, a deliciosa "Take The A Train". Entre um uísque e outro, sussurram pelas salas enfumaçadas e com pouca luz que tocam jazz por aí, que a primeira vez que a palavra swing foi usada numa música, foi em "It don't mean a thing (If Ain't that got swing"). É qualquer coisa como "Isto não significa nada (Se não tiver aquele swing)". Música dele, do início dos anos 1930. Mas "Solitude" foi seu primeiro e verdadeiro sucesso comercial. Se formos listar as composições de Duke Ellington, não vamos acabar hoje. Para vocês terem uma ideia, em sua autobiografia, "Music Is My Mistress", de 1973, ele usou 30 páginas para relacioná-las. Isso mesmo que você leu: 30 páginas! Coisa para mais de 6.000 canções. A orquestra de Ellington foi a mais célebre e poderosa de seu tempo, e só quem rivalizava com ela era a também excepcional orquestra de Count Basie.

Duke Ellington completou 75 anos num leito de hospital e faleceu no dia 24 de maio de 1974. Seu filho, Mercer Ellington, ainda tentou comandar o grupo, mas, filho de peixe nem sempre peixinho é. Lembram-se do Edinho, filho do Pelé? Pois é.

Jeferson “Garrafa” Brasil

UMA MEIA MARATONA E TRÊS PATINHOS NA LAGOA

Publicado em 11 de agosto de 2017.

Uma meia maratona e três patinhos na lagoa – Tenho uns mantras pra me segurar naqueles momentos da prova em que as pernas vacilam, a cabeça fraqueja e vem aquela vontade danada de jogar a toalha. Vou usando cada um de acordo com a situação. Vai da “falta pouco”... passa por “treinei pra isso” e faz escala no “é pros meus filhos”. Por aí. Acredito piamente que a grande maioria dos corredores, tenha um.

No final de julho, saí de Manaus pra fazer a 21K Golden Run, no Rio, dia 30. Meu treinador e parceiro – o competente Sidney Arruda – mais que a correta estratégia da prova, deu o mote: “Garrafa, faz essa meia para curtir, te divertir. Tamo junto”. Com percurso feito em grande parte “tendo o mar por testemunha”, foi extremamente fácil atendê-lo. Motivo da recomendação: há cerca de um ano estou tratando um carcinomazinho na córnea direita, e isso atrapalhou “um pouco” minha rotina de treinamento.

Há quem não concorde – e eu respeito – mas, prova no Rio, que começa no Leblon, segue a orla, belisca o Centro, e fecha a conta no Aterro do Flamengo, não tem como não ser gostosa de fazer. Principalmente com o clima e ambiente ótimos na hora da largada, às 7h.

Estava tudo dentro do script, quando lá pelo Km 12 uma dorzinha aguda no lado externo do joelho esquerdo, deu sinal de vida. “Putz! Falta quase a metade

da prova!”. 2 Km´s depois eu já não conseguia correr direito, e, pior, não tinha mantra que desse jeito. É quando se pensa em tudo e nada ao mesmo tempo. “Aborto, não aborto? Será que dá mesmo?”... Reduzi bem o ritmo e, no meio dessa confusão, veio à luz o mantra salvador – quase uma sentença divina: “garoto, essa é aquela situação que separa homem de menino”. E VQV! Tinha momentos em que o menino queria pedir arrego... o homem seguia em frente. Em outros, invertia tudo. Essa simbiose homem-menino me fez terminar os 21K da Golden, mas, confesso, os últimos Km´s foram feitos na raça! O tempo? Longos 2’22” – os três patinhos na lagoa.

Peguei a medalha. Feliz. O joelho? Doendo tudo o que tinha direito. E eu? Feliz. Encontrei um casal de Manaus, os amigos Alexandre e Cíntia Hossokawa, que também estavam felizes. Ele, top 100, com 1’24”; ela, por ter feito tempo abaixo de sua última meia maratona. Pegamos um táxi e fomos para o hotel deles. Café, conversar, relaxar. Só alegria.

Voltei para o meu hotel caminhando pelo calçadão do Leblon. Mancava, pois, a cada passo, o joelho doía – quem teve essa dor, sabe do que estou falando. Mas, continuava feliz. Vá entender. Coisa de corredor, meu amigo.

Refletindo, cheguei à conclusão de que não corri contra os longos 21K; não corri contra alguém especificamente; não corri nem mesmo contra mim. Minha corrida foi contra aquela dor. E, afinal, venci. Aquele sol, aquele mar, trouxeram à mente o verso final de uma sambinha que a turma dos tempos de faculdade desafinava pelos botecos de Manaus:

Jeferson “Garrafa” Brasil

“E lá vou eu dia de sol, de futebol pela calçada de chinelo” “Encontro logo o caricaturista Otelo” “Que mora em Ipanema e vive no Leblon” “Porque o Leblon é muito bom”.

Valeu demais e até a próxima. Fui!

CAPÍTULO III

ROSSIO E MANAUS: AS ONDAS SE ENCONTRARAM EM COPACABANA

Publicado em 05 de dezembro de 2017.

Não tenho dados estatísticos, mas meu feeling me diz que em cada 10 turistas que passam por Manaus, "aproximadamente" 100% visitam o Teatro Amazonas, na praça de São Sebastião. Creia-me, o ir a Manaus e não visitar o Teatro, é nossa versão cabocla do ir a Roma e não ver o Papa. No entorno dessa praça, há outras construções históricas, e, dentre elas, umas das principais igrejas da cidade, igualmente monopolizada pelo dito santo.

Largo São Sebastião

Quase ao lado da igreja, você pode/deve se reabastecer do tour – e do calor – com a cerveja gelada e o imbatível pernil do famoso Bar do Armando. De preferência, numa das mesas espalhadas pela calçada. Sendo no carnaval, melhor ainda: junte-se à irreverente BICA – bloco criado nas noites do Armando, por uma turma tão boa no copo quanto na caneta. Dúvidas? Então ouça as mar-

chinhas carnavalescas de rimas impiedosas, destiladas, principalmente, contra a turma da política. Ou seja, num espaço relativamente pequeno, temos artes, o sacro e o profano, o que tem lá suas vantagens para o caso de algum desses reles mortais arrepender-se de suas peripécias terrenas. Ao fim e ao cabo, o perdão divino e redentor estará disponível logo ao lado.

Igreja de São Sebastião e Bar do Armando

Se entre um gole de cerveja e uma garfada no pernil, você for tentado a achar que as ondas em preto e branco que revestem a praça imitam o calçadão de Copacabana, desculpe, mas aí você se enganou feio. Segundo alguns historiadores, entre eles o escritor Milton Hatoum, foi exatamente o contrário. Nada de desespero, pois a grande maioria dos manauaras que conhece Copacabana, também não sabe disso. O raciocínio inverso também vale para os cariocas.

Rossio, Portugal

É provável esse padrão, chamado de Mar largo, ter sido inspirado no Largo do Rossio, em Lisboa, que muito embora já existisse bem antes de Cabral por aqui chegar, só passou a adotá-lo a partir de uma reforma por volta de 1848. Em Manaus, a praça de São Sebastião foi calcetada com esse desenho pouco mais de meio século depois, por volta de 1900/1901. Na Terrinha, em homenagem ao encontro do Tejo com o mar; aqui, ao Encontro das Águas – rio Negro com o Solimões/Amazonas. E as ondas no calçadão de Copacabana? O eterno namoro do mar e suas areias. Se não for esse o motivo, me dê outro – de preferência mais romântico – que estamos conversados. Mas essa icônica calçada só foi construída por volta do ano de 1905, depois, portanto, de Manaus e Lisboa.

Igreja de São Sebastião e Bar do Armando

Mas com a devida vênia, e o respeito que o Rossio e São Sebastião (o santo e a praça) me merecem, há outro ponto em que Copacabana, além do sol e do mar, é simplesmente insuperável: são as mais de trocentas canções, versos e rimas a cantar e galantear seus lindos encantos cheios de luz. Portanto, é plenamente aceitável que a princesinha do mar e suas sereias sorridentes continuem rondando seu imaginário. E o nosso também. Então, peça ao garçom – com seu displicente pano de enxugar mesas jogado no ombro – para que ele coloque para tocar o velho e riscado vinil de Copacabana, a canção. Se por acaso ele

perguntar com quem você quer ouvir, não vacile, e ordene: “Dick Farney, e, por favor, desce mais uma cerveja e outra isca de pernil”.

Jeferson “Garrafa” Brasil

E DA VINCI NÃO ENTREGOU A MONA LISA

Publicado em 16 de janeiro de 2017.

Noite dessas, assistia a uma reportagem na TV, quando me aparece na tela uma jovem delegada explicando os detalhes de uma investigação (mais uma) sobre o imperdoável desvio de dinheiro público (mais um) da saúde, aqui no Amazonas. Seu nome: Mona Lisa Benevides.

Tenho uma antiga e nada técnica curiosidade sobre a Mona Lisa, o quadro: por que Leonardo da Vinci não entregou a obra quando a concluiu, em 1506? Muito pelo contrário, os dois seguiram juntos por mais uns 15 anos, até sua morte em 1519, no interior da França, pouco mais de duas semanas após completar 67 anos. Se por ventura você sabe o real motivo dessa não entrega, marque um café para amanhã à tarde e serei um ouvinte atento.

Esse famoso quadro, fica no Louvre, em Paris, e desaponta quem espera algo maior: foi pintado num pequeno pedaço de madeira de exatos 77 cm por 53. Por isso, causa alguma surpresa saber que da Vinci tenha dedicado 4 anos de sua vida para terminá-lo. Vou dar-lhe um desconto, pois ele tinha fama, justificada, de ser um procrastinador convicto. Mas a chance de eu contratá-lo para pintar o muro lá de casa é zero.

Cá comigo, permito-me especular que essa demora foi o real motivo do quadro ter permanecido com ele. Não é difícil imaginar que Francesco del Giocondo, o dono da encomenda, com o saco cheio de tanto esperar, lhe tenha berrado um sonoro “andare via, maledeto!“. Afinal, o “indignato signore” era nada mais nada menos que o zeloso esposo de certa mocinha chamada Lisa Gherardini/del Giocondo, que serviu de modelo. Com o tempo, veio a ser La Gioconda, para os italianos, La Joconde, para os franceses, e, ganhou o resto do mundo como Mona Lisa.

Outra especulação: Francesco viu a figura retratada, olhou, avaliou, franziu o cenho e não achou muito parecida com sua amada Lisa. Seus olhos, quase em fúria, viram ali uma versão feminina de um dos “sobrinhos” que acompanharam da Vinci em sua existência. Outro berro: “Cazzo! Andare via, maledeto” e, Leonardo, resignado, botou o quadro debaixo do braço. Cabisbaixo, já tinha até se afastado uns metros e fez de conta que aquele alto e ressonante “figlio di p.....” não era com ele e sumiu pelas ruelas de Florença.

Nesse ponto, maliciosamente, alguém pode insinuar: “Ah... quer dizer que ele tinha “uns sobrinhos, é”? Vem cá, meu. Isso tem mesmo alguma importância? O profícuo e prolífico da Vinci foi cientista, matemático, engenheiro, arquiteto, inventor, anatomista, pintor, escultor, músico, poeta etc. influenciou gerações, contribuiu com a ciência, as artes e você vem levantar essa questão!?

Eu, de minha parte, não vou discutir e nem tenho maior interesse pela sexualidade de da Vinci, de quem sou admirador confesso. Porém, macho alfa

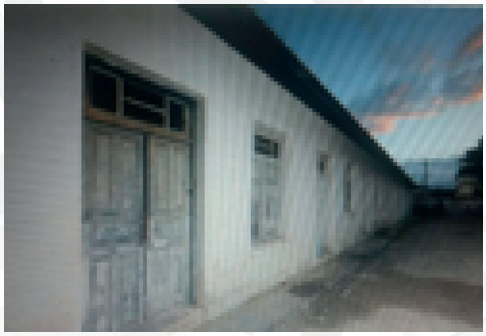
que se preza não tem tantas habilidades assim. Se tiver, tenho absoluta certeza, duvido muito que as execute tão bem. Se você conhece alguém com todos esses atributos e talentos (homem, mulher ou afim) convide para o nosso café de amanhã. Tiro uma selfie, peço um autógrafo, e, de quebra, pago a conta.

Jeferson “Garrafa” Brasil

MUITO PRAZER, EXUPÉRY. MAS PODE CHAMAR DE ZÉ PERRI

Publicado em 28 de setembro de 2018.

Chegar numa cidade qualquer da França, Lyon, por exemplo, dobrar uma esquina e esbarrar numa placa de rua com o nome de Petit Prince, provavelmente não espante ninguém. Mas o que você acha de bater perna na avenida Pequeno Príncipe, no Campeche, um vilarejo brasileiro na beira do mar da ilha de Santa Catarina? Se você ficou tão intrigado e curioso quanto eu, peça uma cervejinha – ou dois cafés, se você preferir – e vamos nos surpreender sobre o porquê desse belo e agradável lugar (prometo voltar) ter sua principal avenida com esse nome.



Essa, a maioria das pessoas mata fácil: o francês Antoine de Saint-Exupéry escreveu e ilustrou o livro O Pequeno Príncipe. Ponto. O que talvez não lembrem, é que ele também era aviador. E, é bastante provável, não saibam que lá pelos anos 1920 foi piloto da empresa aérea francesa Aéropostale (raiz da atual Air France) cobrindo a rota Paris – Buenos Aires. Chegou inclusive a morar por um tempo, creia-me, na capital dos hermanos.

Essa rota tinha uma escala técnica no Campeche, com os aviões pousando numa pista, hoje desativada, e que foi o primeiro aeroporto internacional do sul do Brasil. O alojamento dos pilotos também ainda está por lá, mas igualmente desativado.

Mas você, entre um gole de cerveja ou uma xícara de café, pode, com razão, questionar: “Peraí, meu! Mas isso é motivo suficiente para o homem ganhar essa grande homenagem!?“ Calma que a coisa vai além. Nessas paradas técnicas, Saint-Exupéry começa a interagir fortemente com a comunidade. Integrou-se a tal ponto com os moradores do local, que, devaneio meu, entre caipirinhas, moquecas e risadas, acabou virando, simplesmente, o Zé Perrí, le très ami. O que, convenhamos, trouxe lá suas vantagens, pois facilitou a comunicação e incrementou a intimidade – Entretanto não encontrei evidência de que ele cantarolou a Marselhesa no ouvido de alguma açoriana mais animada.

Por isso, não estranhe se ao visitar o Campeche, você se hospedar numa pousada Zé Perri, ir às compras num armazém Zé Perri e – não me aconteceu, mas acho possível – um simpático cãozinho com Zé Perri gravado na coleira latir em sua direção.

O Pequeno Príncipe foi lançado, em Nova York, em 1943, mas seu autor não viveu o suficiente para desfrutar o sucesso de sua obra e, muito menos, receber essa prova de carinho do povo do Campeche. Desapareceu com seu avião, sem jamais ter sido encontrado, no mar Mediterrâneo, pouco mais de um mês após completar 44 anos.

E por que, no início do texto, citei a cidade de Lyon como exemplo? Porque foi lá, no verão de 1900, que Exupéry/Zé Perri veio à luz, ao mundo e, por que não, ao Campeche.

UM DUKE DE SANGUE AZUL MUSICAL

Publicado em 28 de maio de 2019.

Recebi, via Humberto Amorim, convite para assistir a justa homenagem que uma turma de músicos de Manaus prestou aos 120 anos (29 de abril de 1899) do nascimento do grande Duke Ellington. Um Duke de sangue azul musical, junto com Count Basie, meu bandleader preferido. Esse evento ocorreu no teatro Amazonas, no final de abril. Por estar fora de Manaus – para minha infelicidade – perdi.

“Todos os músicos deveriam um dia se reunir e agradecer de joelhos a Duke”. Essa sentença definitiva, proferida pelo mito Miles Davis, mostra bem a dimensão de Ellington. Mr. Davis, como se sabe, era marrento, talentosíssimo e não costumava encher a bola de ninguém.

ARTISTA DE JAZZ, COMPOSITOR E MAESTRO RESPEITADO

Duke Ellington, além de artista de jazz, foi maestro respeitado, compositor sofisticado, parceiro versátil e profícuo, pianista inovador e um arranjador de extrema criatividade. Em tudo, muito talento.

Com precoces 7 anos – uma idade em que eu ainda acreditava em Papai Noel e tinha verdadeiro pavor de Mapinguari, lenda indígena que perturbou meus sonos infantis – Edward Kennedy Ellington, seu verdadeiro nome, começou a estudar piano.

Foi nessa época que lhe deram o apelido de Duke, pois, segundo reza a lenda, era um garoto bem comportado, bem educado etc. Asseguro, no entanto, que ele não foi menino criado com vó.

THE WASHINGTONIANS

Com 18 anos foi formada sua primeira banda, mas, logo em seguida, as luzes de Nova York piscaram-lhe um olho e foi amor à primeira vista: jogou claves, pentagramas e acordes na mochila, foi para lá e montou a “The Washingtonians”. Nesse momento fez seus primeiros arranjos, que já mostravam a referência que viria a ser.

Tocou mundo afora, mas sua década de ouro foram os anos 1940, quando, por uma dessas coincidências da vida, um rapaz chamado Billy Strayhorn juntou-se a ele. Strayhorn era um clone de Ellington e, inclusive, foi o autor, entre outras, da emblemática “Take the “A” train”, música tema da orquestra.

Longe de mim a pretensão de contar a história de Duke Ellington aqui. E nem daria. É só mesmo um aperitivo. Para vocês terem uma ideia, em 1973, quando publicou sua biografia, ele utilizou 30! páginas para listar suas composições. Isso mesmo que você leu: 30 páginas.

A orquestra desse músico excepcional foi a mais célebre e poderosa do mundo do jazz. E só mesmo a de Count Basie para dar um encarado olho no olho. Há controvérsias? Faz parte, faz parte... Com esse mundo de internet, está todo mundo por aí. Basta pesquisar.

COMPLETOU 75 ANOS NO HOSPITAL

Duke Ellington completou 75 anos num leito de hospital, e em 24 de maio de 1974 cruzou a linha do horizonte. Como estamos às vésperas dos 45 anos de sua morte, fica a dica: que tal um repeteco desse show? É só mudar o nome e refazer o convite pois tem público.

O filho dele, Mercer Ellington, ainda tentou levar a orquestra adiante, mas não deu certo. Afinal, filho de peixe nem sempre peixinho é. Pois é.

Série

Artigos

Jeferson “Garrafa” Brasil

INSTITUTO DURANGO DUARTE